

## Ensino da língua Paiter na Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles: fortalecimento linguístico e cultural

Teaching the Paiter language at the Apoena Meirelles indigenous sertanista state school: linguistic and cultural strengthening

Enseñanza de la lengua Paiter en la escuela estatal indígena sertanista Apoena Meirelles: fortalecimiento lingüístico y cultural

Mônica Cidele Cruz

 <https://orcid.org/0000-0001-6169-0760>

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Naraiel Paiter Suruí

 <https://orcid.org/0000-0003-4669-439X>

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT)

### Resumo

Neste texto, tratamos do ensino da língua materna Paiter, e a escolha para trabalhar esse tema se deu pelo fato de as nossas escolas Paiter não possuírem produções didáticas autorais específicas em nossa língua. Para tanto, nossas reflexões dialogam com autores que tratam sobre o assunto, além das orientações do Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas, dentre outros textos da legislação, pertinentes à educação escolar indígena. A metodologia do nosso trabalho se compõe, primeiramente, de pesquisa bibliográfica, com o aprofundamento no estudo das obras já mencionadas, acerca do tema proposto. E como se trata de um Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em "Ensino em Contexto Indígena Intercultural" -PPGECII, o foco esteve na ação pedagógica e na proposta de um produto educacional. A ação pedagógica consistiu num percurso didático-metodológico, durante o qual conduzimos, como mediador, todo o processo de ensino-aprendizagem voltado para língua materna, trabalhando a leitura, a produção de texto e alguns aspectos verbais da língua, a partir de uma narrativa mítica do povo, *Oy je Ikōr iter nā awetá ewe* (O homem que se transformou em gavião real), contada pelo ancião Itabira Suruí. Produzimos diferentes textos na língua materna, com atividades de leitura e compreensão textual, bem como, atividades sobre alguns aspectos verbais da língua Paiter. Todo esse percurso didático-pedagógico resultou num caderno de atividades na língua Paiter, como produto educacional para as duas escolas de nossa aldeia.

**Palavras-chave:** língua paiter, ensino, narrativa mítica.

### Abstract

In this text, we deal with the teaching of the Paiter mother tongue, and the choice to work on this topic was due to the fact that our Paiter schools do not have specific authorial didactic productions in our language. To this end, our reflections dialogue with authors who deal with the subject, in addition to the guidelines of the National Curriculum Framework for indigenous schools, among other legislative texts pertinent to indigenous school education. The methodology of our work consists primarily of bibliographical research, with an in-depth study of the works already mentioned on the proposed theme. And as this is a Professional Master's Degree from the Postgraduate Program in "Teaching in an Intercultural Indigenous Context" (PPGECII), the focus was on pedagogical action and the proposal of an educational product. The pedagogical action consisted of a didactic-methodological path, during which we conducted, as mediators, the entire teaching-learning process focused on the mother tongue, working on reading, text production and some verbal aspects of the language, based on a mythical narrative of the people, *Oy je Ikōr iter nā awetá ewe* (The man who turned into a royal hawk), told by the elder Itabira Suruí. We produced different texts in the mother tongue, with reading and textual comprehension activities, as well as activities on some verbal aspects of the Paiter language. All this didactic-

pedagogical work resulted in a notebook of activities in the Paiter language, as an educational product for the two schools in our village.

**Keywords:** paiter language, teaching, mythical narrative.

### **Resumen**

En este texto, abordamos la enseñanza de la lengua materna paiter, y la elección de trabajar este tema se debió al hecho de que nuestras escuelas paiter no cuentan con producciones didácticas autorales específicas en nuestra lengua. Para ello, nuestras reflexiones dialogan con autores que abordan el tema, así como con las orientaciones del Marco Curricular Nacional para las escuelas indígenas, entre otros textos legislativos pertinentes a la educación escolar indígena. La metodología de nuestro trabajo consiste principalmente en la investigación bibliográfica, con un estudio en profundidad de las obras ya mencionadas sobre el tema propuesto. Y por tratarse de una Maestría Profesional del Programa de Posgrado en "Enseñanza en Contexto Indígena Intercultural" (PPGECII), el enfoque fue la acción pedagógica y la propuesta de un producto educativo. La acción pedagógica consistió en un recorrido didáctico-metodológico, durante el cual condujimos, como mediadores, todo el proceso de enseñanza-aprendizaje centrado en la lengua materna, trabajando la lectura, la producción de textos y algunos aspectos verbales de la lengua, a partir de una narración mítica del pueblo, *Oy je Ikōr iter nā awetá ewe* (El hombre que se convirtió en halcón real), contada por el anciano Itabira Suruí. Elaboramos diferentes textos en lengua materna, con actividades de lectura y comprensión textual, así como actividades sobre algunos aspectos verbales de la lengua paiter. Todo este trabajo didáctico-pedagógico dio como resultado un cuaderno de actividades en lengua paiter, como producto educativo para las dos escuelas de nuestro pueblo.

**Palabras clave:** lengua paiter, enseñanza, narración mítica

## **Considerações iniciais**

Este texto é um recorte de minha dissertação de mestrado, na qual discutimos sobre o ensino de língua materna na Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles, município de Rondolândia-MT, e apresentamos uma proposta didático-metodológica para o ensino da língua Paiter nas escolas indígenas da Terra Indígena (TI) Sete de Setembro, com foco na leitura, escrita e em alguns aspectos verbais.

A escolha para trabalhar esse tema se deu pelo fato de nossas escolas não possuírem produções didáticas autorais específicas para o ensino da língua Paiter. Para a elaboração da proposta pedagógica, conduzimos, como mediador, todo o processo de ensino-aprendizagem voltado para a língua materna, trabalhando a leitura, a produção de texto e alguns aspectos verbais da língua, a partir de uma narrativa mítica do povo, *Oy je Ikōr iter nā awetá ewe* (O homem que se transformou em gavião real), contada pelo ancião Itabira Suruí. Produzimos diferentes textos na língua materna, com atividades de leitura e compreensão textual, bem como, atividades sobre alguns aspectos verbais da língua Paiter, realizadas com os alunos do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano). Esse percurso didático-pedagógico resultou em um caderno de atividades na língua materna, como produto educacional para as duas escolas

da aldeia. Neste artigo, apresentamos um recorte de uma atividade de leitura e escrita, a partir de uma narrativa mítica Paiter.

## **1. O povo Paiter-Suruí de Mato Grosso: breves considerações**

Nós nos autodenominamos Paiter, que significa “Nós os verdadeiros”, mas, quando fomos contatados por não indígenas, no ano de 1969, no estado de Rondônia, fomos denominados Suruí, porque outros povos indígenas vizinhos nos chamavam de *yoríwayey* (donos das tatuagens ou pessoas com tatuagem), que quer dizer “rosto tatuado”, pois fazíamos *yorí* (tatuagem) no rosto. É um tipo de tatuagem que sinaliza para as pessoas o respeito e a riqueza da beleza, porém, qualquer pessoa não podia usar essa tatuagem. E quando a pessoa tinha no rosto o *yorí* e o *bétiga* (seda da árvore *bétig*), os Paiter diziam que era *Paiter iter* que, literalmente, significa “pessoa verdadeiríssima”.

Nosso povo Paiter foi contatado em Rondônia, no entanto, a TI demarcada e homologada abrangeu dois estados: Rondônia e Mato Grosso. Mas, como não havia aldeia Paiter em Mato Grosso, a terra tradicional, aos poucos, estava sendo invadida por fazendeiros e sitiantes que moravam em torno de nosso território. A partir do ano de 2000, a família de José Itabira Surui, líder tradicional do povo Paiter, mudou-se para Mato Grosso, criando a primeira aldeia Paiter neste estado.

Internamente, estamos organizados por meio de famílias dos clãs que compõem nossa sociedade: *Gameb* (marimbondo preto), *Gabgir* (marimbondo amarelo), *Makor* (bambu) e *Kaban* (fruta de mirindimba). Todos os clãs têm seus líderes para sua representatividade, para que possam conduzir a organização social e, nas ocasiões de rituais de roça, de caça e outros, se manifestar primeiramente, para que todos os clãs possam ser participativos.

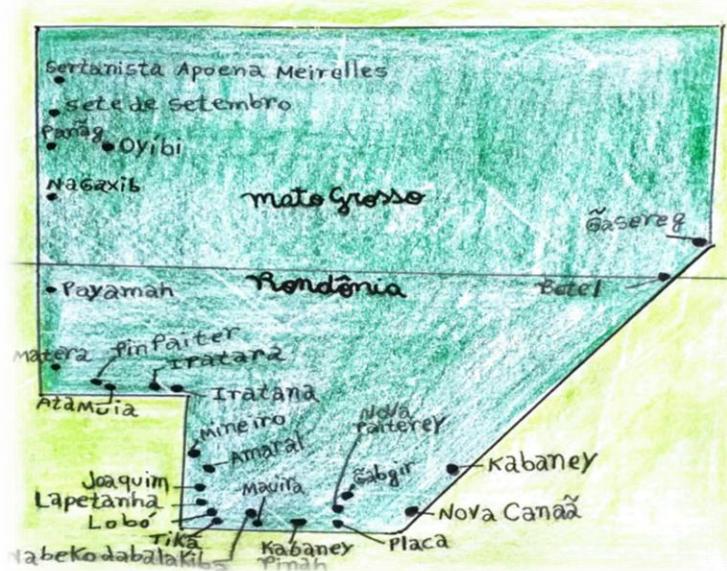
Os casamentos entre nós são realizados entre os clãs: *Gameb* casa com *Kaban*; *Gameb* casa com *Gabgir*; *Gameb* casa com *Makor* e vice-versa. Para compreender melhor, se um homem do clã *Kaban* casar com uma mulher *Gameb* e tiver filho, a criança será considerada do clã *Kaban*. Assim, os clãs vão se compondo por meio da consideração paternal, no entanto, o tio materno sempre vai pertencer a outro clã. Nesse caso, se o tio tiver uma sobrinha, poderá casar com ela.

Quanto à organização das moradias das aldeias Paiter, tem sido muito diferente da situação anterior ao contato com os não indígenas, pois sempre tivemos uma aldeia, onde as

famílias tinham suas casas tradicionais separadas por clãs, casas tradicionais denominadas de *lab iter*. Hoje em dia, elas têm sido pouco construídas, prevalecendo as casas de madeira.

Na TI Sete de Setembro, depois do contato com os não indígenas, o número de aldeias tem aumentado, pois para defender e proteger a floresta na terra indígena, que tem 247 mil hectares, temos criado outras aldeias, porque ao redor da terra tradicional há, hoje, fazendas, sítios e cidades, como podemos constatar no mapa (Figura 1):

**Figura 1:** Mapa da Terra Indígena Sete de Setembro



**Fonte:** Naraiel Paiter, 2022

A TI Sete de Setembro abrange dois estados brasileiros, Rondônia e Mato Grosso, com uma população estimada em 1.375 pessoas. Em Rondônia, os Paiter têm 21 aldeias; já em Mato Grosso, temos 06 aldeias, onde, como forma de subsistência, ainda mantemos e praticamos as atividades tradicionais nas roças comunitárias. Fazemos os roçados e limpamos para plantar amendoim, mandioca, banana, batata-doce, cará, mamão e milho. No tempo da colheita da produção da roça, produtos como cará, mandioca, milho, batata-doce e amendoim são partilhados entre as famílias. É o dono da roça *gá iway* que dá iniciativa para a colheita e convida as famílias. E, no final da colheita, as famílias levam o que colheram, mas, antes disso, entregam alguma parte da colheita ao *gá iway*, em sinal de despedida. E é isso que temos feito até os dias de hoje para termos o sustento interno, sendo que, ao final disso, para ter continuidade, as famílias guardam algumas partes da produção, pensando no plantio do próximo ano. Também coletamos da floresta as frutas nativas comestíveis, como: pama, bacupari, patuá, entre outras. Ainda praticamos a caça e a pesca, e nos últimos anos

iniciamos a produção de banana, café e coleta de castanha para venda, por intermédio das associações Paiter. Essas atividades são para nossa sobrevivência comunitária, diante das relações com não indígenas que nos cercam com sistema de compra e venda.

Nós somos um povo da floresta que também acredita em seres sobrenaturais, que respeitamos e os consideramos protetores da floresta. Nem todos os Paiter mantêm comunicação com esses seres, somente os pajés são encarregados de manter a comunicação com eles para prever o tempo e a cura dos enfermos. Como os pajés não interagem com pessoas, os Paiter vão até eles para serem curados das enfermidades.

Nós, Paiter, sempre acreditamos no ser criador *Palob*, que se diz em português “Deus”, e acreditamos que os animais que existem hoje na floresta também foram seres humanos há muito tempo. Assim, para contar as histórias dos *Panāg̃ey*, que quer dizer “os ancestrais”, há sempre o ser humano dialogando com o animal que já foi pessoa, como ser de linguagem e com hábitos humanos. Então, na época do início da criação, há muito tempo, já celebrávamos o *Mapimaí*, ritual da celebração do criador, pelo que tinha feito e, ao celebrar, era início dos novos dias, como se fosse o início do ano. Na ocasião de celebração do ritual, todas as pessoas se reuniam, homens, mulheres e crianças de todos os clãs do nosso povo. Por isso, meu povo Paiter celebrava o *Mapimaí*, ainda que aos poucos esse ritual foi se tornando raro, pois as famílias foram se espalhando na terra tradicional, distanciando-se umas das outras. Assim também, o ritual dos pajés *Hoeyatē* tornou-se raro, ritual que só era feita entre os pajés para poder se comunicar com os espíritos.

Hoje nas aldeias ainda se pratica o *Wexomaré*, ritual de pinturas corporais que aponta para a presença do criador, pois o criador teve essa pintura no seu corpo, então, para as crianças, indica o início do crescimento e saúde.

Nosso povo Paiter mantém os costumes ancestrais, porém, como todo povo depois do contato com não indígenas, sofremos impactos culturais. E, para nos habituarmos às situações desses impactos sociais e para sobrevivermos, lutamos e permanecemos na terra demarcada, praticando a cultura milenar para a nossa existência.

## **2. A situação sociolinguística na comunidade Paiter – Terra Indígena Sete de Setembro**

Somos falantes da língua Paiter, da família linguística Mondé, do tronco Tupi (RODRIGUES, 1986). Nós continuamos preservando e respeitando nossa língua materna e

a cultura tradicional, pois compreendemos que a língua Paiter, desde a nossa sobrevivência, vem repassando os conhecimentos milenares que nos identificam. Nossa língua materna é muito falada por nós em todas as aldeias, e não temos o costume de falar entre nós em outras línguas, só falamos em Paiter. Em ocasiões de interação com os não indígenas, usamos a língua portuguesa.

Na aldeia onde moro, Sertanista Apoena Meirelles, próxima da cidade de Rondolândia-MT, vivem 73 pessoas, sendo 4 anciãos, 36 adultos, 14 adolescentes e 23 crianças. Todas as pessoas falam a língua Paiter no dia a dia e estão sempre dialogando na língua materna. Em nossa aldeia, existem pessoas monolíngues e bilíngues em Paiter/Português; há casos de anciãos e crianças que não sabem falar a língua portuguesa perfeitamente, no entanto, adultos e adolescentes são bilíngues, falam a língua portuguesa razoavelmente, e dialogam com os não indígenas na língua portuguesa.

Além dos Paiter, línguas da família linguística Tupi-Mondé são faladas também por outros povos indígenas como Zoró, Cinta-Larga, Gavião e Aruá (RODRIGUES, 1986; MOORE, 2005). E no nosso caso, hoje em dia, as escolas de nossas aldeias têm ensinado a escrita da língua, uma situação que não acontecia antes dos anos de 1990. A nossa língua Paiter é um elemento fundamental para a socialização dos saberes tradicionais, transmitir histórias mitológicas, repassar as técnicas dos artesanatos, na expressão de músicas tradicionais, na interação cotidiana da comunidade, entre tantas outras situações. Acreditamos que um dos pontos positivos para a língua Paiter, na educação escolar, é a valorização da escrita e da oralidade. Por meio da oralidade nosso povo sempre socializou as práticas culturais e os conhecimentos tradicionais entre nós.

Concordando com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), também compreendemos que é preciso que a escola indígena Paiter desenvolva o ensino, possibilitando ao discente indígena que ele seja competente para a conversação no dia a dia, com as pessoas com as quais convive e com as quais compartilha as referências culturais. É importante, também, desenvolver nos alunos indígenas, por meio do ensino, a competência oral necessária para que possam entender e falar sobre novos conhecimentos introduzidos pela escola, seja na língua indígena ou ainda para ampliar as formas de expressão oral na língua portuguesa, para que possam se comunicar em novas situações, quando estiverem diante da sociedade falante da língua portuguesa (BRASIL, 1998).

Nós ensinamos a partir da vivência cotidiana, em que as crianças aprendem participando, observando e praticando as atividades culturais com a família. E é com essa

visão que as escolas Paiter devem valorizar o que é a identidade Paiter, para que nosso povo continue lutando pela sobrevivência, para planejar e buscar o futuro como Paiter.

Nesse sentido, cabe à educação escolar Paiter manifestar nos ensinamentos que a escola da aldeia não é apenas para formar o futuro profissional, mas o ser Paiter ativo na comunidade, que tenha a visão de ajudar os caciques tradicionais, lideranças e anciões para o bem do nosso povo, em nossa terra tradicional.

### **3. A importância do ensino da língua materna nas escolas Paiter**

Todo ser humano tem a necessidade de falar para ser compreendido, compartilhar ideias e, assim, se organizar socialmente. E é dessa maneira, por meio da oralidade, da pintura corporal e do ritual, através da primeira língua no cotidiano que nosso povo Paiter vem, ao longo de nossa sobrevivência, utilizando nossa forma de linguagem para se comunicar.

A escrita chegou em nossa sociedade com os missionários da Sociedade Internacional de Linguística (SIL), na década de 1960, através da tradução da bíblia, escrita de palavras da língua Paiter. E, desde que a instituição “escola” foi imposta para nós, Paiter, depois do contato com a sociedade ocidental, na década de 1980, no estado de Rondônia, os primeiros professores foram os missionários, que ensinavam a escrita da língua materna.

Tempos depois, com o aprendizado da organização e constituição da escola, pessoas Paiter começaram a assumir o processo de escolarização. Assim, os primeiros professores Paiter que vieram trabalhar em nossas escolas ensinaram sua primeira língua para introduzir conteúdos e para esclarecimento de conceitos. É importante esclarecer que, quando a primeira aldeia Paiter foi criada no estado de Mato Grosso, em 2001, na TI Sete de Setembro, para proteção da terra tradicional, reivindicamos nossa própria escola, entretanto, o decreto para implantá-la foi publicado no ano de 2008. Após os missionários, em 2015, tivemos um professor não indígena que ministrou as disciplinas de Língua Portuguesa, Química e Matemática; depois disso, somente professores Paiter atuam em nossas escolas.

Percebendo que a escola era o meio de impor outra língua, ou seja, a língua portuguesa, por meio de livros das disciplinas, e que a língua Paiter na ocasião era apenas utilizada na oralidade, surgiram a ideia e as indagações de que a escola na aldeia poderia e deveria ensinar a preservação da língua Paiter e, também, ensinar a escrita da língua oral para a manutenção da primeira língua que identifica o povo.

Sendo assim, a partir dos anos 1990, as escolas Paiter se abriram para o ensino da escrita da língua, que iniciou por meio das cartilhas feitas pela SIL, uma instituição não governamental que, na época, já tinha iniciado a escrita da língua materna, conforme mencionamos anteriormente. A SIL era uma instituição formada por integrantes que se apresentavam como linguistas, mas o objetivo maior dessa entidade era a tradução da bíblia para as línguas indígenas, como de fato aconteceu em diversas comunidades indígenas, resultando numa nova catequese (PAULA, 2018, p.27). Em se tratando de trabalho linguístico, a contribuição dos linguistas estrangeiros no estudo da língua Paiter foi a descrição de palavras Paiter sobre a nasalização de sílabas e a elaboração de cartilhas que, aos poucos, foram utilizadas nas escolas Paiter para auxiliar na textualização da língua Paiter.

Sabemos que isso não é suficiente, pois para que aconteçam um ensino e uma aprendizagem mais significativos em nossa língua materna, que façam sentido para nossos alunos, é preciso que nossos materiais didáticos sejam produzidos a partir de nossa visão de mundo, de nossa cultura, de nossa cosmologia. Assim, aos poucos, os professores se organizaram para ensinar a escrita, através dos estudos da língua materna que os linguistas estrangeiros produziram e, com passar dos tempos, produziram textos de mitologia e descrição das atividades culturais na língua materna, uma experiência coletiva que respondia aos objetivos da organização de uma escola específica, intercultural e diferenciada.

Foi a partir desse pensamento, e das experiências vivenciadas no planejamento e na elaboração das nossas histórias e dos nossos saberes, que buscamos formação e apoio no sentido de pensar como transformar essa realidade sonhada em política pública. Fizeram parte dessa vivência-formação, estudos e pesquisas para ajudar na produção de materiais específicos em Paiter, e em 2016, como Trabalho de Conclusão de Curso, pela Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), pesquisamos sobre palavras polissêmicas na língua Paiter. A pesquisa analisou a “existência de um aspecto da gramática da língua que é a polissemia, por meio da descrição da língua Paiter, pois nas falas cotidianas foi identificado esse fenômeno, com também, nos seus vários usos e acepções no contexto de comunicação” (PAITER SURUÍ, 2016, p. 10). E, na minha formação continuada, em nível de especialização na Educação Escolar Indígena, em 2021, desenvolvemos um trabalho sobre “A classe de verbos na língua Paiter” (PAITER SURUÍ, 2021), pensando em estudar alguns aspectos da gramática da nossa língua. Aos poucos, o ensino da escrita da língua Paiter na escola da aldeia ganhou importância e hoje é visto como

uma das ferramentas que, ao ser sistematizada, torna-se motivo de estudo, pois toda língua tem a sua própria gramática.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, todo conhecimento da/sobre a língua é abstrato e está escondido, e precisa ser estudado. E ao ser pesquisado e conceituado, é um conhecimento a ser explorado pelos falantes, no sentido de entender as regularidades da escrita, de ler a escrita e, portanto, de desenvolver o conhecimento sobre a gramática da língua (BRASIL, 1998). Estudar a escrita da língua materna Paiter na escola da aldeia é uma situação que não existia diante da sociedade não indígena, porque a escola para indígenas na aldeia foi, no início, imposta para nos integrar à sociedade nacional, para que nós, indígenas, esquecêssemos do que nos identifica para sermos o que somos. Então, para o tempo de hoje, a possibilidade de estudar a escrita da própria língua é de suma importância para que o falante, além de se expressar verbalmente através da primeira língua, possa saber escrever na língua materna, como também pode ajudar a manter a língua materna viva, em forma de registro escrito, e fazê-la circular em outros meios sociais.

Compreendemos que, por meio da produção de textos escritos, a língua pode ser mantida no meio social da comunidade, pois a primeira língua é a identidade do povo que a fala. Somada à oralidade, a escrita também é importante para que os falantes tenham capacidade de registrar os saberes que aprenderam com seu povo ao longo da vida. Em segundo lugar, é importante destacar que nós, Paiter, também temos a necessidade de estudar a segunda língua, a língua portuguesa, para interagir em igualdade de condições com a sociedade envolvente, porque fora da aldeia ou até mesmo dentro da aldeia, nos deparamos com a escrita da língua portuguesa, seja nos livros, documentos, computadores e celulares. Além dessas, nas situações de interação verbal com os não indígenas, na situação de falar em público, falar pelo celular e computadores, entre outros meios de comunicação. Porém, entendemos que esse aprendizado da língua portuguesa deve ser, de fato, como segunda língua, sem apagar nossa língua materna.

O artigo 210 da Constituição Federal estabelece que o Ensino Fundamental será ministrado em língua portuguesa, assegurando a nós, povos indígenas, o uso de nossas línguas ancestrais, com os nossos próprios modos de ensinar. No entanto, é conferido um prestígio maior à língua portuguesa, provocando, com isso, um “bilinguismo compulsório”, nos dizeres de Maher (2007), porque, nós, povos indígenas, devemos aprender o português, mas nas escolas não indígenas não se exige aprendizado de nenhuma língua indígena.

Enfim, para que ocorra o ensino de língua na escola da aldeia, tanto da escrita, quanto da oralidade, de acordo com a necessidade da comunidade, é preciso que haja a interação da escola com a comunidade e da comunidade com a escola, seja para registrar a canção tradicional, para descrever as histórias de mitologias ou realizar as pinturas corporais, reforçando, assim, a presença de anciões na escola para desenvolver ainda mais o ensino da modalidade oral que é extremamente importante e não pode ficar em segundo plano. A oralidade precisa ser a base para o ensino da escrita, pois “nas línguas indígenas a escrita, além de estar coladinho na oralidade, visa à retomada de saberes milenares, o diálogo geracional e ancestral. Isso aumenta as potencialidades de seus usos” (PIMENTEL da SILVA, p.11, 2019). Portanto, oralidade e escrita precisam caminhar juntas. E assim, os sabedores, os alunos e os educadores vão analisar e discutir a importância de se manter tanto a língua oral quanto a língua escrita nas ações da escola, porque a língua não é estática, está sempre mudando de geração para geração.

#### **4. A língua materna no currículo da escola Paiter**

Falar a primeira língua é ser um povo pensante na sua forma de se organizar culturalmente, pois ainda somos falantes da primeira língua, da família Tupi-Mondé. E é por isso que a língua materna está presente no ambiente escolar e, também, no dia a dia da aldeia. Ela ainda está presente na oralidade dos anciões e das anciãs, ao relatarem as histórias de acontecimentos do nosso povo Paiter, como mitos, ritos, cânticos, ciências e as demais expressões culturais. E também por meio do saber Paiter que a escola na aldeia tem ofertado o ensino e a aprendizagem na língua materna, para que haja a liberdade no nosso modo particular de ensinar por meio da língua materna. Com isso, buscamos a valorização dos saberes e dos costumes que foram a razão de manter nossa identidade até os dias atuais, pois é através da língua(gem) que todo povo partilha o conhecimento. Isso não é diferente entre nós, Paiter, pois nossa língua materna é viva e nos possibilita que as aulas sejam ministradas na língua Paiter.

Quanto ao material didático, a escola recebe livros enviados pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC), no entanto, esse material não contempla nossa visão de mundo, nossa cultura, nossos conhecimentos ancestrais. Ao utilizarem esses materiais, escritos na língua portuguesa, os

professores explicam os conteúdos por meio da língua materna, porque o educador e os alunos são falantes da primeira língua, da família Tupi-Mondé. Desse modo,

[...]as imposições dos órgãos estatais, a ausência de materiais de apoio pedagógico nas diversas línguas indígenas e a insegurança dos docentes colaboram para que as línguas indígenas fiquem desprestigiadas nas escolas indígenas, ocupando um lugar de inferioridade frente ao português, considerado a língua de prestígio. Tudo isso colabora para que o bilinguismo subtrativo permaneça no cotidiano das escolas indígenas. A língua portuguesa ocupa o maior espaço dentro da escola, subtraindo o importante papel que cabe às línguas indígenas (Paula & Gouvea, p. 18, 2021).

Sabemos que essa maneira de ensinar, mesmo utilizando a língua Paiter para explicar assuntos que fazem parte de componentes curriculares da escola não indígena, , não contempla nossa visão de mundo, como afirmamos anteriormente, e pode contribuir para um bilinguismo “subtrutivo”. Por outro lado, as sociedades indígenas precisam ter conhecimento da língua portuguesa para interagir com outras sociedades indígenas e com a sociedade ocidental, reivindicar os direitos (por terra, saúde, meio ambiente, educação), enfim, nos defender e lutar por aquilo que, também, é direito nosso.

Do mesmo modo, acreditamos que a maneira de ensinar tais conteúdos também pode contribuir para o fortalecimento de nossa língua materna, desde que esses conhecimentos ocidentais, que adentram nossas comunidades por meio desses livros, sejam ressignificados, ou seja, sejam ensinados a partir de nossos conhecimentos, de nossa forma de ver o mundo, a partir de nossa cultura. No entanto, reafirmamos que o ideal é termos os nossos próprios materiais, produzidos por nós, a partir de nossa pedagogia Paiter. Ter livros didáticos na língua Paiter é fortalecer a língua materna, tanto na oralidade quanto na escrita, pois acreditamos que, assim, a escola se identifica com o povo.

Ressaltamos que essa situação de apenas enviar à escola indígena os livros do MEC ou da SEDUC já foi questionada de várias maneiras pelos Paiter, através de ofício enviado pela comunidade, nas reuniões presenciais com órgãos governamentais para atender nossas demandas acerca da educação específica. Diante disso, e considerando o processo de ensino e aprendizagem da língua Paiter através da escrita e da oralidade, os professores buscam envolver os anciões e anciãs na produção de materiais específicos na língua materna, com base em nossos conhecimentos ancestrais e em nossa cosmologia.

Portanto, é preciso produzir materiais de apoio didático-pedagógico específicos a partir da visão de mundo Paiter, e ser criativo no planejamento escolar por meio da descrição e valorização do conhecimento cultural, considerando que nós, Paiter, sempre tivemos nossa

própria ciência para descobrir e sobreviver na natureza. Mas, para isso, é preciso, também, que haja políticas públicas efetivas de apoio à produção de materiais didáticos específicos para as escolas indígenas, de um modo geral, pois a situação de nossa escola se assemelha às demais escolas indígenas de nosso Estado, no que se refere a falta de material didático específico, de acordo com a cultura de cada povo. E, embora, os professores venham registrando as histórias do povo Paiter na língua materna, ainda carecemos muito de material didático específico em nossa escola.

Para enfrentar esses desafios, é muito importante que a escola tenha o Projeto Político Pedagógico (PPP) estabelecido de acordo com a necessidade da “escola indígena”, para assegurar a especificidade para educação intercultural e bilíngue e que seja feito juntamente com a comunidade escolar da aldeia.

O ensino da língua materna na Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles está presente na oralidade e na escrita, mas a carga horária desse componente curricular e de outros componentes existentes para escola é estabelecida pela Secretaria do Estado de Educação-SEDUC. Até 2022, a carga horária de Língua Materna era de 1 aula por semana, de 2022 a 2023, passou a 02 aulas e, a partir de 2024, após muitas reivindicações, a carga horária desse componente curricular aumentou para 03 horas semanais.

E como os professores e alunos são indígenas e falantes da língua Paiter, e não apenas por isso, mas porque somos povo Paiter, a escola da aldeia deve ser para os Paiter. Assim, todas os componentes curriculares são ministrados na língua Paiter, mesmo com as teorias do mundo ocidental presentes nos livros e escritas na língua portuguesa. Nas aulas, os conteúdos são explicados pelos professores Paiter na língua materna a partir da visão de mundo Paiter, pois só assim os alunos compreendem melhor e, como Paiter, vão recebendo conhecimentos que o mundo oferece pela escrita e pelas imagens. Os professores trazem o saber Paiter na oralidade, explicando o conteúdo do livro e fazem com que os alunos pesquisem, desenhem e escrevam na língua materna. Por exemplo, se a ciência não indígena diz que as plantas são seres vivos e é importante para a vida, para o planeta, o saber Paiter também vai dizer que as plantas são pessoas, como em nossas narrativas, em que as plantas *pagaley* e *betig* foram pessoas e que são plantas agora na floresta. Para nós, são plantas medicinais e sagradas, além de outras árvores que têm grande importância para nosso povo, por isso, a floresta é importante para os seres vivos e para seu universo. Dessa forma, os professores Paiter, a partir dos conteúdos dos livros trazidos para a escola da aldeia, podem explicar e trazer a nossa visão de mundo.

As Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena, documento publicado pelo Ministério da Educação (MEC), destaca no item 3.4, letra c, que:

a língua materna de uma comunidade é parte integrante de sua cultura e, simultaneamente, o código com que se organiza e se mantém integrado todo o conhecimento acumulado ao longo das gerações, que assegura a vida de todos os indivíduos na comunidade. Novos conhecimentos são mais natural e efetivamente incorporados através da língua materna, inclusive o conhecimento de outras línguas (BRASIL, 1994, p.11-12).

O que mais favorece a oralidade é que os planejamentos das aulas são feitos na língua materna, assim como, a explicação dos conteúdos dos livros de outros componentes curriculares é feita na língua materna. Também acreditamos que isso favorece os alunos Paiter no ensino da língua materna, porém, para trabalhar a escrita da língua materna, a carga horária estabelecida para o Ensino Fundamental não é suficiente, o que precisa ser urgentemente revisto pelas Secretarias de Educação, porque essa supremacia da língua portuguesa contribui, negativamente, para um bilinguismo subtrativo.

É importante destacar que a educação escolar Paiter conta com a participação da comunidade, juntamente com os professores, para que haja planejamento com execução escolar diferenciada, pois o povo e os professores indígenas Paiter têm a convicção de que mudar a escola ou transformar a “escola” para si está nas mãos do próprio povo, junto com educadores escolares, para garantir que a escola tenha qualidade de ensino. Nesse sentido, conforme orienta o RCNEI, “a participação da comunidade no processo pedagógico da escola, fundamentalmente na definição dos objetivos, dos conteúdos curriculares e no exercício das práticas metodológicas, assume papel necessário para a efetividade de uma educação específica e diferenciada” (BRASIL, 1998, p. 24).

Para nós, a língua é uma identidade étnica porque na aldeia tudo que é falado e pensado é por meio da língua Paiter. Dessa forma, a valorização da língua na aldeia, desde a alfabetização, acontece através da gravação das músicas tradicionais e descrição de histórias Paiter contadas pelos sabedores. Portanto, “é por meio da linguagem que os Paiter ensinam e aprendem suas histórias, mitos, cânticos e demais expressões culturais”, conforme assegura o Projeto Político Pedagógico-PPP de nossa escola. Assim, é importante que:

[...] o professor traga para a sala de aula particularidades discursivas e linguísticas das línguas usadas pelos alunos, a fim de incentivá-los tanto para lê-las quanto para conhecê-las cada vez mais, estabelecendo, assim, motivações para perguntas, questões, comparações, indagações, ou seja, para a pesquisa e a criatividade etc.

Essa metodologia pode favorecer a revitalização das línguas indígenas ameaçadas (PIMENTEL da SILVA, 2006, p. 386).

Para nossa escola Paiter, isso é muito significativo, pois os professores são Paiter e são falantes da língua Paiter, por isso, buscam ofertar o ensino para o bem da educação Paiter, desenvolvendo nossa pedagogia própria, com vistas a uma educação específica e diferenciada como desejamos e que está assegurada na Constituição Federal. Sabemos que na história do Brasil há relatos de que o ensino da catequese aos povos indígenas era para negar a diferença, assimilar, exterminar, fazendo com que nós, indígenas, nos transformássemos em algo diferente do que éramos.

E, hoje, em razão desses silenciamentos, alguns povos indígenas no Brasil buscam retomar e fortalecer sua língua ancestral, pois foram obrigados a negar sua identidade cultural. Nossa escola Paiter tem levado com seriedade o ensino de língua materna, para que algum dia não percamos nossa identidade étnica, ou o que há de mais valor para nós: nossa língua materna, porque temos certeza de que quando o povo fala a primeira língua, ele tem acesso aos conhecimentos gerais, sem precisar negar as especificidades culturais e a identidade própria.

Nas próximas seções, apresentamos algumas experiências em relação ao ensino da língua Paiter em nossa escola, desenvolvidas com as turmas do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental. O objetivo das atividades foi contribuir para a compreensão leitora e de escrita dos nossos alunos, para o fortalecimento de nossa língua materna e para a produção de material específico para o ensino e aprendizagem da língua Paiter.

## **5. Práticas de leitura, escrita e de gramática da língua Paiter**

No nosso entendimento, pesquisar, sistematizar, estudar e ensinar a língua Paiter é contribuir para a valorização de nossa língua. Sabemos que para repassar a língua e a prática cultural, nossos antepassados Paiter faziam-na pela linguagem oral, dialogando no dia a dia, durante as práticas culturais. E hoje, com a chegada da escrita alfabética em nosso meio, para o ensino da língua materna na escola, entendemos que é preciso registrar e conceituar os conhecimentos por meio da escrita Paiter, pois quanto mais a estudamos, mais iremos aprofundar para se ter a gramática da nossa língua. Para reforçar sobre isso, trazemos a seguinte citação:

O ensino de gramática da língua indígena é necessário. Por gramática assumimos aqui um conjunto composto pelo sistema sonoro (Fonética e Fonologia), pela estrutura (Morfologia e Sintaxe) e pelos sentidos da língua (Semântica e Pragmática). Não concebemos um modelo de ensino de línguas em que este conjunto não esteja presente. É necessário sim falar de classes de palavras, de fonemas e sílabas, de sentenças, etc. O cuidado que se deve ter com esse ensino perpassa questões metodológicas e não questões referentes à necessidade ou ao lugar da gramática na sala de aula. Nesse sentido, a discussão não é do tipo ensina ou não ensina gramática, mas como ensina gramática, dando-lhe seu merecido protagonismo e razão de existir. A gramática existe a partir de sua estrutura, de seu funcionamento, não de seu conjunto de nomenclatura; portanto, não à aula calcada na metalinguagem! (GOMES, 2019, p. 20).

Para iniciar o estudo da língua Paiter, em um dos seus aspectos gramaticais, decidimos fazer também algumas atividades sobre verbos, a partir da pesquisa desenvolvida durante a Pós-Graduação, em nível de Especialização, na Universidade Federal de Rondônia, com foco no tempo verbal da língua.

Em relação à leitura e escrita, nossa ação pedagógica partiu da escuta e do registro de uma das narrativas míticas do nosso povo, com o nome de *Oy je Ikōr iter nã awetá ewe* (O homem que se transformou em Gavião Real), contada pelo ancião Itabira Suruí. Essa ação pedagógica foi desenvolvida por meio da Unidade Temática: *Oy je Ikōr iter nã awetá ewe* (O homem que se transformou em Gavião Real).

A metodologia na apreensão e significação pedagógica é feita utilizando a metodologia participante e o processo de escuta (Ferreira, 2014), que se dá não apenas como ouvido, mas com todos os sentidos e com o coração, uma escuta sensível na temporalidade da calmaria. Assim, planejar constituiu-se de estudos, organização de unidades a serem efetivadas junto aos estudantes, sob o processo de escuta não apenas da oralidade para gravar, mas também das escutas do sentimento e significados das palavras, das narrativas históricas Paiter.

O percurso didático da unidade contemplou as etapas de leitura, produção escrita e gramática, tendo como foco o ensino dos verbos da língua Paiter. As três etapas, leitura, escrita e gramática, compreenderam a narrativa mítica relatada pelo ancião José Itabira Suruí, bem como, a produção de textos na língua indígena tanto pelo professor quanto pelos alunos, além de outras atividades, a partir do que foi explorado na história sobre o gavião real. É importante ressaltar que, ao trabalhar alguns aspectos verbais da língua Paiter, ou

levar em consideração as palavras Paiter quando se referem a tempo, a leitura e a produção escrita são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem de um dos elementos da gramática Paiter.

O primeiro momento do percurso didático foi a contação da narrativa, quando levamos os alunos para ouvir a história relatada pelo ancião. Em seguida, fizemos o registro escrito e a leitura da narrativa: *Oy je Ikōr iter nā awetá ewe*. Nesse momento, os alunos tiveram contato com o tema proposto. Realizamos a leitura com perguntas para auxiliar na compreensão do texto. Para isso, foi preciso ativar os conhecimentos prévios dos alunos, que se referem ao conhecimento de mundo (experiências vividas, o que conhece sobre o assunto) e o conhecimento linguístico (gramática), no caso, o que conhecem sobre verbos da língua (KOCH; ELIAS, 2006).

Em outros momentos, propusemos atividades de leitura, escrita e oralidade, as quais contaram com a contribuição do consultor nativo, como por exemplo, no relato da narrativa oral apresentada neste trabalho. O trabalho com a gramática, voltado para a descrição e funcionamento dos verbos na língua materna, contemplou atividades com verbos na língua Paiter. Embora, trabalhamos com alguns aspectos verbais, as atividades não estavam desvinculadas da leitura e da produção de texto em Paiter, porque entendemos que o uso e a reflexão sobre a língua não podem acontecer de forma descontextualizada.

## **6. Percurso didático-pedagógico — unidade didática: *oy je ikōr iter nā awetá ewe* (O homem que se transformou em gavião real)**

Nosso percurso didático-pedagógico, no primeiro momento, começou com uma conversa sobre narrativas orais, com a finalidade de ativar conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema. Para isso, explicamos que todo povo tem sua mitologia que trata da origem das coisas e que é passada de geração a geração.

Após um tempo de conversa sobre narrativas orais, levamos os alunos até o ancião para ouvirem a história do *Oy je Ikōr iter nā awetá ewe*, atividade que chamamos de contação de história. O senhor Itabira é cantor e fundador da aldeia Sertanista Apoena Meirelles, já foi guerreiro e cacique geral do povo Paiter. Queremos destacar que, no dia anterior a esta atividade, fomos até a casa do ancião, e pedimos a ele para contar a narrativa aos alunos. Também aproveitamos o momento para gravar a narrativa, pois teríamos que transcrevê-la antes, para preparar o texto escrito.

O ancião iniciou a narrativa dizendo que, naquele momento, ele também estava se sentindo bem por contar a história aos estudantes da aldeia e disposto a narrar a história toda, pois parecia, pela percepção dele, que os jovens Paiter poderiam ouvir as narrativas dos Paiter (Figura 2).

**Figura 2:** Ancião José Itabira Suruí contando história do *Ikōr iter* aos alunos



**Fonte:** Naraiel Paiter, 2022

No decorrer da narrativa, os alunos foram questionando sobre as situações ocorridas na história ou até mesmo das palavras que desconheciam no texto. E foi assim o desenvolvimento da história, com a fala do ancião despertando a curiosidade de todos. Houve muitas perguntas por parte deles, com muito diálogo entre o contador e os ouvintes, que se interessaram ainda mais porque os anciões e as anciãs são pessoas notáveis por guardarem as riquezas do povo em si.

Para registrar a narrativa, que é uma das mitologias Paiter, no dia anterior à contação de história, fizemos uma gravação com o senhor José Itabira Suruí, e depois, juntamente com os alunos, transcrevemos o texto como ele contou. Depois da transcrição, veio o registro escrito para poder repassar a narrativa aos alunos, cujo resultado apresentamos a seguir:

Oy je Ikōr iter nā awetá ewe

Mater iter, panāg dena ahna ma e, awekar alaba ikōrey xab lihd ikin, ihkabkod mere tar e. Ebo dena apug itxa yakina ī, ehna abohta yakade itxar eka ikay e. Ebo madekena ikōr xab lihd ikin oīyā aka ehna aperā amakab ġa e, ete tajenah awe kay e:

— Pamaka iwe ikin ma!

Ehna awe kay e. Ete pamoyey jekena ãh ter ikõr mug sade:  
 — Xoram, Xoram, Xoram!  
 Awagá ewe pi e. Ebo tajena:  
 — Apug itxa boh yakina ï.  
 Iweka awekay e. Ebo tajena awekay:  
 — Yakeka ikõr mug aã ma!  
 Ehna awe kay e, ete tajena:  
 — Iyeh. Ehna awekay.  
 Ete de “Iyeh” dema e, dena abekayahb aãga awãna wekabi e, ete dekena, poroh pãg, poroh pãg. Ehna awãna e, ihb agã maã e. Ebo dekena, ahnẽ akah ikõr xab lihd eka e, ebo dena amakab esade ñoy txar eka e:  
 — ãh tete yakana poh, eyab nesá ixiruhd iter poh.  
 Ete xamakab sade ñoy txar, edenã iwe pi õhb aje eka, ehna iwe kar maité ikay e:  
 — Kanã? Kanã ter bo yaãga ixiruhd ah?  
 Ayab weka dena iweka ikay e:  
 — Boté lade ixiruhd yakiãh eãgøy e.  
 Wá iõhb ner ñoytxared dena maité, ehna merekar ehna tar e. Ebo, ihb ahbikoy yedena, merekar itxer masade akay, eka ehna atãrawa ehna iwe ka e, ebo dena awéhté ehna amakab ña ahna e:  
 — Boté lade ixiruhd yaka eneyedey perpi peremí yã eãgøy e!  
 Ebo ñoytxared dena iwe kuy ikin õhb, ehna amakab de, akay eka e. Ebo dena iwe ka ehna, pukub ehna nabea maã e, ebo awãna amakab de ihb emi ma e, eyxar e, ahgoy mamaãgøy eréh ehna e, ayab we itxa aka amakab etor iwar wabikoy e. Ebo Paiter de awãna ma e, dena awaga, xã, xã e. Ehna wabikoy awaga ñgarba itxa ehna e, etiga te ikõr mug dena aar pi ehna ikay e:  
 — Kanëgina ewaga ihna?  
 Ehna iwe ka ikay e, ebo dena iwe maka ehna iwe ka ikay e:  
 — Oyibí ihgá te mã yana poh, ete lada na e, ehna lana ohgoy iõhb lada na e.  
 Dena iwe ikay e, ebo ikõr mug dena iweka ikay e:  
 — Emaã bolá maré.  
 Ehna iwe ka ikay e, ete Paiter sade ihb abikoy, e dena:  
 — Iyeh.  
 — Ehna iwe ka ikay e. Ebo ikõr mug dena, aposãahb e pi ehna, day, ebo jag ehna ixi mi, yakawa ka e, ebo dena yuhuy ehna yakawa alar ka e, etiga te dena:  
 — Txog, txog, txog.  
 Ehna ama ikõr nãh e. Ebo dena, e pi ikay e:  
 — Eãgaye, olobey je aor eka, aligáré, tapamiré.  
 Dena ikay e, ahna te yakaye ahnẽ ajeka egõah kamã aye, txog, txog, txog, apikõy kor tiga egõah mahpáwe ixoh wemã poré, dena meremã ikay e. Ebo yena Paiter dena ama ikõr nãh e.  
 Ebo epi ikõr mug esobey jena aor ehna ariméey yabáwerá aor ehna ñakorah mabi ehna tar e, eyab dena, apug itxa ehna manoh ikin e, eyab dena ikay e:  
 — Nãd ama nãh?  
 Ebo ikõr mug dena iwe ka asob ña e:  
 — Omalod akad laã toyanã poré!  
 Dena asob ña iweka e. Ebo xixob dena iwe ka ehna:  
 — Txog, txog, txog.  
 Ehna pasapé ema páh, ehna xaõoah kamã ehna iweka e, ayab dena ohne ehna, dãgá te, ehna iwe ka e, ebo ikõr mug esob dena iwe ka ikay e, xitxate anar palá maih, ehna apug ka e.  
 Ebo ikõr iterey jena paiter de ama ikõr nãh e, emakobawe na, ehna pamaka ñakorah ma ikay e. Ebo dena, tay itxa aka ñakorah iweka e, eyab ñoy paiter de, ama ikõr nãh e, dena ohne soaka te ehna e, ebo ikõr mug dena, arimé aka aje yõh ehna iweka ikay e:  
 — Aka ojãh eyaye ré.  
 Ehna ixar õh ehna iwe ka ikay e. Ete ikõrey jena, ñakorah aje pi ehna, ahnẽ ehna awá kabi e, etiga te, tajena paiter ema ikõr nigá aje ma e, eka e:  
 — Nãd aka ema?  
 Ebo dena iwe takay e:

— Ah aka toy apoh!

Ehna arimē sar ñh ehna takay e. Ebo ehna te, ikōrey jena makalá ka te, ehna te e, ġakorah ré tajena awekay e. Ebo tajena arigá ehna, etiga apopíd aka e, ete etiga paiter de, ama ikōr nēh ma e, dena aif aka te e, ewe ka tajena iwe kuy ikin ikay e. Ebo dena ehna te, ehna akobá weor tamakab iter na awetá e. Ete yena paiter dena awetá ehna ikōr iter na ma e.

Ete paiter de, ama ikōr nēh ma e, dena ikōr iterey ka e, apakob míd nēh aje taperemi eka e:

— Ye ahne bar ah, anu paiter de onor iwar ihb abikoy ma e, ekar ma ih, waba owepíka ikay aye.

Dena takay meremā e, ebo ikōrey jena, ehna te bela kayā ehna ikay e. Ete dekena, paiter de ator iwar ihb abikoy ma e, ekar yede kanē alade ka ehna e, oykoahb emamir ehna e. Eyab dena oykoahb ka e:

— Ohma pāy eka ma.

Dena ikay, ebo oykoahb dekena, paiterey ewáh xiga aka ehna atohtē ihb atog iter abikoy ehna perekā e. Ebo oykoahb sade alatar paiterey ikin, etiga mūy paiter dena asaranē alaba ehna, makarawahb aharerá ehna anar tar ehna nōrī ehna asaranē ehna lab mi tar e, ete aka asíkiā ehna tar e, ebo oykoahb dena iwe ka tar e:

— Ye tih yakina ih?

Dena iwe ka tar e. Eyab dena:

— Boté eyá xikin ñ?

Ikōr iter de aor iwe kar akay eka, ehna iwe ikay e:

— Mūy paiter tesá, asaranē soa arerá anar tar poh, aikin e pamī poh.

Iwe ka ikōr na paiter de awetá eka e, ebo dena iwe ka ikay e:

— Eh eti boté yakena poh!

Ehna iwe ka ikay e. Ete paiter de ikōr na awetá e dena e, ġaowuhb akah ehna oykoahb tar ehna e:

— Maité eka nād aġina lab mi asaranē nōrī wá eka ma?

Dena ġaowuhb ka e, yaka ġuyá xikin ah yede na e, ebo ġaowuhb dena iwe ka ikay e:

— Iyeh.

Dena ikay e. Eyab dekena e, ihb sade paiterey ewá xiga xatog iter e, enepoh tar aka atohtē akah xikin ekar akah e. Ete paiter dena, e aje lab mi asaranē aikin e pamī soa ahrerá anar tar tar e, ewe mi tedena asaranē tar e, ebo ġaowuhb dena iwe ka ehna tar e:

— Ye tih yakina ih?

Ehna tar e. Ete dekena, ahna akah meremā akah ikōr na paiter de awetá ma e, eka e:

— Asaranē te masá nōrī lab mi, soa arerá anar tar poh.

Dekena meremā ehna e, ewe ka ikōr iter dena iwe ka, ikay e:

— Eh eti yaka dena e!

— Dena iwe ka ikay e. Ebo paiter de ikōr iter na awetá ma e, dena iwe ka ehna, Wakawa mamir ehna e:

— Yah keka nād aġina lab mi asaranē nōrī wá ekah oġabi ma.

Dena wakawa ka e, ebo wakawa dena ikay e:

— Iyeh.

Ehna iwe ka e. Ebo wakawa dekena na e, paiterey ewá koy akah ehna, wē, wē, wē, akah e, paiter sade nōrī asaranē ene pikawa ka akah e, eyab dekena ikōr iter ka akah e:

— Ye te yakina nāyā!

— Aka e. Ebo ikōr iter dekena e, eh e paiter sade nōrī asaranē ekar akah ehna e, amitohta akah nōrī ehna ihb kapāhb mi akah e, kanōhġena ma akah mā e, etiga te paiter sade nōrī asaranē, edena lab mi asaranē e, ebo ikōr iter dena e, apikōyahb torerá aor ehna wabí pabi e, ebo apikōyahb emi aje mamataga e, etiga, matoraā ehna asárerá akah may itxa akah wabí koy e. Etiga paiterey jena ku, ku, ku ehna awekay e:

— Ah ikōr ni sá pawa yā!

Ehna e. Ebo oyey jena, etiga e, ay yabey mi ikay e, txib, txib, txib, ehna e. Ete ehna maey saba Moğuhd deor ehna amakab oyey ka asahrá aor ehna e:

— Waba Mey peremi yab wā txīma?

Ehna takay e, ebo tajena, ohne, ter baga ter ehna ikay e, eweka dena, mamug sade ur torerá yab alakará eíhgá ipi e, ete dena, tabog, eyab dena ikōr eposā īh ehna e, eweka ikōr dena, manar ewa aje ekār ematxi e, eyab deor asárerá ehna, wūh,wūh,wūh, ehna e, ebo amawayā tē, ewe ka mawug sadena ah karba mi ehna ġarah ka ehna, wūh, wūh, wūh, ehna ni e. Ebo etiga oyey jena, ama yabey yōh we kar ehna ikay e, eyab dena awepika ehna ohne ehna takay e:

— Yeyá awekāra yā te meysá dina oğay e.

Dena awewā takay e.

Ete paiteray jena Moğuhd eka e:

— Emanortē beliā, egar bote ikōr ni sinaye poh.

Tajena ikay e. Ebo Moğuhd dekena amanörtē akah ehna ih abé ka ixaahb ibiahb esade ani e, eka e. Eyab ȝoy waledey jekena ximalod, eyab mi ehna xima itxer aā aje ih pi e, emawa ehna ikay txar e. Ete ikōr iter na paiter de awetá ma e, edena, aih Moğuhd dema e, eka ehna, ȝaouwuhb emaka kabí ehna e, ikar eka oğabi ma ikay e. Eyab dekena, atohtē akah ehna ihb ka, akah ehna, kana soe mağā ma akah e, eyab dena waledey sadeka ixaahb ibiahb ka akah mā mamir:

— ȝorah, ȝorah.

Akah mamalod eyōh ewe ikin e. Ete dekena ehna aje soe ikin e, ewe mā akah, ikōr iter ka akah e, ewe ka ikōr iter dena, ehna de meremā akay eka ikay e:

— Eh e te yakadena e.

Dena iwe ka ikay e. Ebo dekena ih abé ka ixaahb ibiahb sade ani e, ekabi mā akah e. Eyab ȝoy jekena akah ixaahb ibiahb ka akah ehna, lobeyey eperemā akah ehna e:

— ȝorah, ȝorah.

Ehna e, ete dena, ehna alaba ehna e, lohr, lohr, ehna apiköyahb bímañ ehna ixaahb ibiahb koxah ehna e, ayab ȝoy jena Moğuhd sade amitohta, eh e koy e, ami koxah, xamiāahb koy, ehna apiköy bímañ ehna xaka e, ebo ikōr iter dena, eh e ehna Moğuhd aka e.

Ete lobeyey jekena e, ixaahb ibiahb koy akah, anu alade ani ehna aka ehna e, Moğuhd emalod eyōh aka ehna e:

— ȝorah, ȝorah.

Ehna akah mamir e, ete Moğuhd dena ohne tapere maka te e, ebo lobeyey sade apere maka wagapi etiga solöhd ȝa de aor ehna akamawa ehna lobeyey ka e, eweka lobeyey jena, ye boh inā xaka inā ih taje iweka e. Ete Moğuhd dena mosāahb na awetá asðni ajeka ih ka e, ka e.

Ebo yena, ikōr iter na paiter de awetá ma e, dena awepika ehna manā taje akay maey ka e. Mağer ter dena paiter de atohriwar ihb abí koy ma e, eka e, eyab nar dena aposā īh Moğuhd dema eka e. Ete ikōr iter na paiter de awetá ma e, ȝaouwuhb, Oykoahb ey jena ȝani koy akah ma e, ayabey sadena aperewe itxa ter ani e, ewe nekoy wawāey sadena tapere ȝgá ani e, soey nā tasade ah karbami ani eka ani e.

Depois do texto escrito, fizemos um momento de conversa sobre a narrativa para compreender melhor a história de *Oy je Ikōr iter nā awetá ewe* com as seguintes perguntas: Quem pode falar qual é o assunto da história que acabaram de ouvir? E onde aconteceu essa história? Quem são as pessoas da história? Que importância de significados tem gavião-real e peito-vermelho-grande para nós, Paiter? O que os pajés dizem sobre o gavião-real, peito-vermelho-grande, urubu e a mosca?

Então, com esses questionamentos, em língua materna, na oralidade, os alunos se interessaram em responder rapidamente, e cada um falou sobre a história, sobre o que comprehendeu ou o que já sabia. Porém, todos disseram que não conheciam a música que o

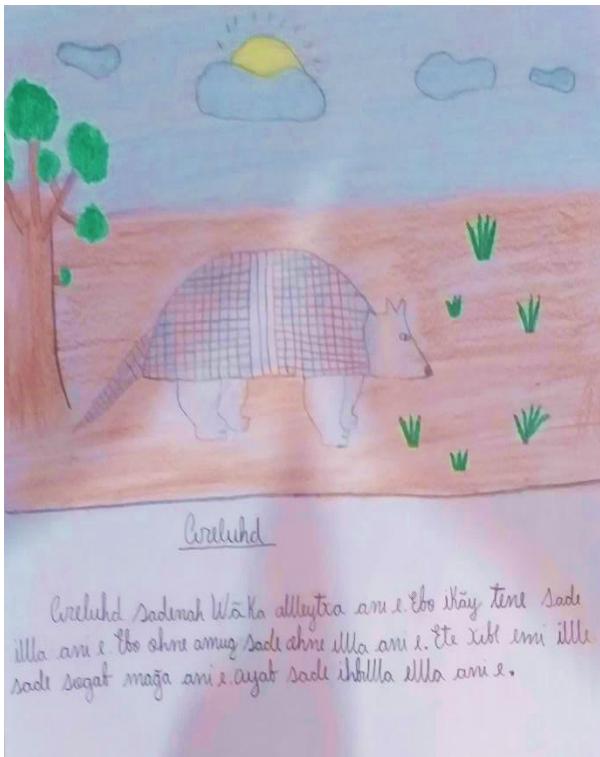
ancião cantou a respeito da história. A maior parte dos alunos citou que gostaria de ser o gavião real, pelo símbolo de valentia que representa na narrativa; enquanto alguns pensaram que apenas queriam ser “um ser voante”. Após conversarmos sobre o texto, pedimos a cada um deles que escrevessem a parte que mais gostou da narrativa, porém, a aula terminou. Desse modo, solicitamos a eles que terminassem a atividade em casa e que trouxessem na próxima aula.

Nesse processo, os educandos faziam questionamentos para tirar dúvidas a respeito ou simplesmente perguntavam sobre as questões do texto. Assim, fomos explicando de maneira que pudessem compreender e, no decorrer da aula, os alunos foram realizando as atividades propostas. Nesse momento, a mediação do professor é muito importante porque cabe a ele orientar e ajudar o aluno, tirando dúvidas e explicando o conteúdo, é o momento do diálogo no processo de ensino e aprendizagem.

Nas aulas seguintes, passamos a mais uma proposta de atividade, que foi a pesquisa sobre os animais que consideramos sagrados para nós, Paiter. Essa atividade foi proposta a partir da leitura da narrativa *Oy je Ikōr iter nā awetá ewe*, que também traz em seu enredo animais como personagens e considerados importantes na cosmologia Paiter. Os alunos foram dando o seu melhor para que o desenho saísse com perfeição. Eles desenharam jacamim, anta, jacaré, gavião, cobra, porcão do mato e tatu galinha e, em seguida, começaram a descrever, na língua materna, o animal que escolheram (Figura 3).

Depois das ilustrações, e para conceituar melhor sobre o animal, tiveram que sair na aldeia para coletar informações. Durante esse processo, fomos auxiliando e corrigindo a escrita da língua materna.

**Figura 3:** Atividades dos alunos sobre os animais sagrados para os Paiter



**Fonte:** Naraiel Paiter, 2022

Aliada à atividade de escrita, trabalhamos a oralidade a partir de alguns textos sobre a roça Paiter. Discutimos com os alunos e alunas sobre os produtos que plantamos, como são a produção e a colheita, quais animais gostam de comer a produção da roça. Com isso, os educandos começaram a falar da situação da roça familiar, citando animais, como a anta que gosta de comer as folhas da planta de mamoeiro e da mandioca; a cutia que gosta de comer o amendoim e os catetes que gostam de comer cará, batata-doce e mandioca. Todos se expressaram, dizendo que a roça é uma das fontes para alimentação das famílias Paiter.

Na escola, foi muito prazeroso trabalhar com ações planejadas, dialogando com nossos saberes tradicionais, em prol da educação escolar da aldeia local. Sabemos que fazer pesquisa não é fácil, porque nada é pronto, tem que ser construído, no entanto, ao indagar e descrever sobre o ensinar da escrita da língua Paiter é como se fosse “um olhar para ver o que está acontecendo e o que falta para desenvolver no processo de ensino e aprendizagem”.

Nesse sentido, descrever uma das narrativas Paiter, mostrar nossa experiência na educação escolar Paiter e registrar a escrita da língua materna é uma grande contribuição para nosso povo. Além disso, elaborar um material pedagógico autoral para estudo da língua escrita para as escolas Paiter é contribuir para o desenvolvimento do ensino escolar, pois, até então, não possuímos o material com o sistema da língua escrita portanto, permanecia a importância do uso da oralidade e das práticas para a transmissão de conhecimento e tradição

do nosso povo. Produzir um material pedagógico para o ensino da língua Paiter é pensar na preservação da língua e, ao mesmo tempo, registrar o conhecimento que pode permear e ser reflexivo no ensino de língua na escola.

## Considerações finais

Este trabalho demonstrou o quanto são importantes as histórias que o povo Paiter traz consigo, valorizando e respeitando os saberes tradicionais que há entre nós, Paiter, e a natureza. Ele nos permitiu compreender que o ensino da língua Paiter é possível por meio das histórias que o povo preserva e mantém, passando de geração a geração. O ensino através de histórias é mais um motivo para que as novas gerações continuem a valorizar as nossas narrativas mitológicas e cosmológicas, e que continuem a respeitar o saber tradicional.

Em nossas aldeias, os sabedores são as pessoas que carregam e guardam consigo os saberes tradicionais e que são encarregados de repassar as narrativas e os ensinamentos das práticas culturais. Quanto a isso, a escola Paiter tem procurado ser aliada do povo e, juntamente com os sábios, tem sido o espaço onde os conhecimentos tradicionais são ensinados pedagogicamente, por meio da oralidade, da escrita, dos desenhos, das práticas culturais, entre outras atividades tradicionais.

Cabe, nos tempos de hoje, o registro de narrativas, pois para nós, Paiter, elas carregam em si a explicação de como foram os acontecimentos com os primeiros seres que povoaram o mundo da floresta, como também trazem consigo os significados das coisas que os Paiter têm utilizado. No caso da lenha, por exemplo, o Paiter, na roça, não pode procurar qualquer lenha, porque tem a lenha que o *Palob* (Deus) deixou para ser a lenha boa. Assim como a explicação das coisas da natureza, no caso de o céu ser distante da terra, há uma história Paiter que relata sobre esse acontecimento. E por que estamos nos referindo a isso? Para dizer por que razão os Paiter têm preservado as histórias tradicionais e como é importante estudar na escola as nossas narrativas míticas. Essas narrativas nos permitem sentir o significado e os conceitos que as histórias trazem consigo, podem ajudar na escrita da língua, e contribuir para desenvolver a sistematização da gramática da língua para ser estudada na escola continuamente. No início da escrita da língua Paiter, pelos missionários, as palavras foram transcritas sem conceitos para contextualizar a nossa realidade, fora do contexto real de uso.

Enfim, podemos dizer que o registro escrito de uma de nossas narrativas míticas tem a contribuir para o povo e para a educação escolar Paiter. Ensinar nossas narrativas na língua materna, por meio de práticas de leitura e de escrita, é uma das formas de registrar nossos conhecimentos ancestrais, juntamente com a escola, aliando oralidade e escrita no contexto escolar.

Destacamos que as atividades escritas estão presentes em cada saber Paiter e podem ser inseridas no ensino de língua materna. Além disso, pode ser uma iniciativa para outras aldeias mostrar como podem ser planejadas e desenvolvidas as aulas com os nossos saberes tradicionais.

## Referências

*BRASIL*. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

*BRASIL*. Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena. 2 ed. Brasília: MEC/ SEF/DPEF, 1994. 24 p. (Cadernos de Educação Básica. Série Institucional; 2)

*BRASIL*. Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. *Educação Escolar Indígena na Terra Indígena Apiaká-Kayabi em Juara-MT: Resistências e desafios*. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

GOMES, Antonio Almir Silva. Interculturalidade e decolonialidade na educação escolar indígena: o papel da língua indígena. In: GOMES, Antônio Almir da Silva (org.). *Ensino de línguas e educação escolar indígena*. Macapá: UNIFAP, 2019. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/editora/files/2020/08/ensino-de-linguas-e-educacao-indigena.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

KOCH, Ingodore; ELIAS, Vanda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAHER. Terezinha Machado Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural. In: CAVALCANTI, Marilda do Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007b. p.67-94.

MOORE, Denny. Classificação interna da família lingüística Mondé. *Estudos lingüísticos*, v. 34, p. 515–520, 2005. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/journal:estudos/moore\\_2005\\_monde.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/journal:estudos/moore_2005_monde.pdf)>. Acesso em: 5 fev. 2024.

PAITER SURUÍ, Naraiel. *Palavras polissêmicas na língua Paiter-Suruí*. 2016. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Barra do Bugres, 2016. Disponível em: <<http://portal.unemat.br/media/files/Naraiel.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

PAITER SURUÍ, Naraiel. *A classe de verbos na língua Paiter (Família linguística Mondé, Tronco Tupí)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Escolar Indígena) – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2021.

PAULA, Eunice Dias de. O Ensino de línguas nas escolas indígenas. In: Silvia Lucia Bigonjal Braggio. (Org.). *Estudos de línguas e educação indígena*. 1a.ed. Campinas SP: Pontes Editores, 2018, v. 01, p. 23-44.

PAULA, Eunice Dias de; PAULA, Luiz Gouvea de. *Bilinguismo e ensino de línguas nas escolas indígenas*. Curitiba: Feeling Propaganda, 2021.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. As línguas indígenas na escola: da desvalorização à revitalização. *Signótica*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 381–395, jul./dez. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/2793/2784>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. Políticas de retomada de línguas indígenas em diferentes contextos epistêmicos. *Articulando e Construindo Saberes*, Goiânia, v. 4, 2019. DOI: 10.5216/racs.v4i0.59089. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/59089>. Acesso em: 11 jun. 2024.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1986.

Submetido em: 15 de fevereiro de 2024  
Aceito em: 15 de março de 2024